

*Se aceitar o convite,
não ignore o aviso...*

NUNCA SAIA SOZINHO

"Múltiplas histórias entrelaçadas
mantêm o ritmo acelerado e a tensão
alta durante toda a trama."

— PUBLISHER'S WEEKLY


CHARLIE DONLEA

Autor dos best-sellers **A GAROTA DO LAGO** e **NÃO CONFIE EM NINGUÉM**

 FARO
EDITORIAL



NUNCA SAIA SOZINHO



*A descoberta consiste em ver o que todos os outros
viram e pensar no que ninguém mais pensou.*
— Albert Szent-Györgyi

ESCOLA PREPARATÓRIA DE WESTMONT
SEXTA-FEIRA, 21 DE JUNHO DE 2019
23H54

A LUA EM QUARTO CRESCENTE FLUTUAVA NO CÉU DA MEIA-noite, com seu brilho embaçado visível esporadicamente através da vegetação. A presença inconstante da lua penetrava pelos galhos entrelaçados das árvores como um esmalte pálido que pintava o chão da mata num acabamento laqueado de um filme em branco e preto. Ele carregava uma vela para conseguir visibilidade, cuja chama se apagava toda vez que ele acelerava o passo e tentava correr pela mata. Procurou diminuir a velocidade, ser cuidadoso e cauteloso, mas caminhar não era uma opção. Ele precisava se apressar. Tinha de ser o primeiro a chegar. Era imprescindível vencer os outros.

Ele colocou a mão na frente da vela para proteger a chama, o que lhe permitiu alguns minutos ininterruptos para examinar a mata. Caminhou alguns metros até alcançar uma fileira de árvores de aparência suspeita. Parou para verificar um tronco à procura da chave de que tanto precisava, e a chama da vela se apagou. Não havia vento. A chama simplesmente se extinguiu, deixando uma nuvem de fumaça que preencheu as suas narinas com o cheiro de cera queimada. O eclipse repentino e inexplicável da vela significava que o Homem do Espelho estava perto. Pela regra — que como as outras ninguém nunca quebrou —, ele tinha dez segundos para reacender a vela.

Depois de tirar um fósforo da caixa — as regras não permitiam o uso de isqueiros —, ele o riscou na superfície áspera da sua lateral. Nada. As suas mãos tremiam quando ele o riscou novamente. O fósforo quebrou ao

meio e caiu no chão escuro da mata. Então, ele tentou tirar outro fósforo da caixa, e derrubou vários no processo.

— Droga! — Ele não podia se dar ao luxo de desperdiçar fósforos. Precisaria deles mais uma vez se conseguisse se dirigir para a casa e, em seguida, entrar no quarto do pânico.

Porém, naquele momento, encontrava-se sozinho na mata escura com uma vela apagada e em grande perigo, se acreditasse nos boatos e no folclore. Os tremores em seu corpo sugeriam que sim. Ele manteve a mão firme pelo tempo suficiente para riscar com cuidado o fósforo na superfície áspera, fazendo-o acender numa chama crepitante. A erupção despreendeu uma nuvem de fumaça tingida de enxofre antes de serenar e virar uma chama controlada. Ele tocou a cabeça do fósforo no pavio da vela, e ficou feliz com a luz fornecida. Respirou fundo e observou a mata sombreada ao seu redor. Manteve-se atento e à espera. Com a certeza de estar dentro do prazo definido, retornou a atenção para a fileira de árvores adiante. Lentamente, seguiu em frente, protegendo a chama com todo o cuidado à medida que avançava, já que uma vela acesa era a única maneira de manter afastado o Homem do Espelho.

Ao chegar ao imenso carvalho preto ele viu uma caixa de madeira junto à base do tronco. Ajoelhou-se e abriu a tampa. Havia uma chave dentro. O seu coração bateu forte, com contrações poderosas que fizeram o seu sangue correr rápido pelas veias salientes do pescoço. Ele respirou fundo e se acalmou. Em seguida, apagou a vela com um sopro. As regras diziam que as velas de orientação só podiam ficar acesas até que uma chave fosse encontrada.

Ele partiu pela floresta. Ao longe, um trem apitou noite adentro, estimulando a sua adrenalina. A corrida começou. Ele se chocou contra um tronco e torceu um tornozelo, tudo isso protegendo em vão o seu rosto dos galhos que o chicoteavam. Continuou pela mata, e o barulho do trem sacudiu o chão embaixo dele, e a vibração trouxe mais urgência aos seus passos.

Quando ele alcançou o limite da floresta, a locomotiva passava em alta velocidade à sua esquerda, em um borrão metálico que capturava de modo inconstante o reflexo da lua. Livrou-se da folhagem escura e partiu em direção a casa, com os seus gemidos e a sua respiração ofegante superados pelo rugido do trem. Chegou até a porta e a empurrou para abrir.

PEPPERMILL, INDIANA
SÁBADO, 22 DE JUNHO DE 2019
3H33

O DETETIVE CONDUZIU O CARRO PARA ALÉM DA FITA AMARELA de cena do crime que já demarcava o perímetro e parou em meio ao caos de luzes vermelhas e azuis. Viaturas da polícia, ambulâncias e caminhões de bombeiros estavam estacionados em ângulos estranhos, em frente aos pilares de tijolos que marcavam a entrada da Escola Preparatória de Westmont, um internato particular.

Que bagunça dos diabos!

Seu oficial comandante dera poucos detalhes além de que dois jovens haviam sido mortos na mata situada no limite do *campus* da instituição. A situação estava propícia para uma reação exagerada. Daí a presença de toda a polícia e de todos os bombeiros locais. E, pelo que parecia, metade do pessoal do hospital. Médicos de uniforme e enfermeiras de jaleco branco reluziam ao caminhar na frente dos faróis das ambulâncias. Os policiais conversavam com os alunos e os professores quando eles saíam pelos portões da frente e chegavam ao circo de luzes piscantes.

O detetive percebeu um furgão de reportagem do Canal 6 parado do lado de fora da fita de cena do crime. Apesar da hora macabra, ele tinha certeza de que mais furgões de reportagem estavam a caminho.

Quando o detetive Henry Ott desembarcou do carro, o policial no comando o atualizou da situação.

— Recebemos a primeira ligação à meia-noite e vinte e cinco. Na sequência, vieram muitas outras, todas descrevendo algum tipo de confusão na mata.

— Onde? — Ott quis saber.

— Em uma casa abandonada no limite do *campus* da escola.

— Abandonada?

— Pelo que apuramos até agora — o policial disse. — Tratava-se de uma casa de hóspedes para professores, mas está vazia há vários anos, desde que os trens de carga da Canadian National começaram a passar diariamente perto dali. Como o local ficou muito barulhento, novas moradias para professores foram construídas em uma parte central do *campus*. A escola tinha planos de transformar a área num campo de futebol americano e numa pista de atletismo. Mas, por enquanto, a construção permanece abandonada junto à mata. Conversamos com alguns alunos. Parece que aquele era o ponto de encontro favorito para festas noturnas.

O detetive Ott e o policial foram em direção aos portões da Escola Preparatória de Westmont e depois até a entrada. Um carrinho de golfe estava parado diante do prédio principal. Quatro colunas gigantes se erguiam para apoiar um grande frontão triangular, que brilhava sob os holofotes. O lema da escola se achava entalhado na superfície da pedra.

— “*Veniam solum, relinquatis et*” — o detetive Ott leu, com o pescoço esticado para trás, mirando o prédio. — Chegar sozinhos, sair juntos.

— O que isso significa?

— Não quero saber — o detetive Ott respondeu, olhando para o policial. — E agora?

O policial apontou para o veículo.

— Vamos pegar o carrinho. A casa fica nos arredores do *campus*, cerca de vinte minutos a pé pela mata. Será mais rápido irmos com ele.

O detetive e o policial embarcaram no carrinho de golfe, e em minutos, aos trancos e barrancos, atravessavam a mata por um caminho estreito de terra. Os troncos das grandes bétulas eram um borrão na visão periférica. A luz da lua tinha sumido. À medida que se embrenhavam mais para o interior da mata, apenas os faróis do carrinho de golfe ofereciam um vislumbre do que havia pela frente.

— Meu Deus! — o detetive Ott exclamou em dado momento. — Isso ainda faz parte do *campus*?

— Sim, senhor. A casa antiga foi construída longe do centro do *campus* para proporcionar privacidade aos professores.



PARTE I
AGOSTO DE 2020

1

APÓS A SUA PUBLICAÇÃO NO INÍCIO DA MANHÃ, EM APENAS cinco horas o terceiro episódio do podcast fora baixado quase trezentas mil vezes. Em mais alguns dias, outros milhões de pessoas ouviriam essa edição de *A casa dos suicídios*. Então, muitos desses ouvintes usariam a internet e as redes sociais para discutir as teorias e conclusões a respeito das descobertas apresentadas durante o episódio. O falatório geraria mais interesse, e novos ouvintes fariam o *download* dos episódios anteriores. Em pouco tempo, Mack Carter seria dono do maior sucesso da cultura pop.

Esse fato inevitável irritou Ryder Hillier de maneira indescritível. *Ela* havia feito a pesquisa, *ela* soara os alarmes e era *ela* quem estava investigando os assassinatos na Escola Preparatória de Westmont desde o ano anterior, registrando as suas descobertas e publicando-as em seu blog sobre crimes reais. Seu canal no YouTube tinha duzentos e cinquenta mil inscritos e milhões de visualizações. Mas agora, todo o seu esforço estava sendo ofuscado pelo podcast de Mack Carter.

Ryder Hillier logo percebera que a história da escola estava mal contada. A versão oficial dos acontecimentos era muito simples e bastante conveniente. Além disso, os fatos apresentados pela polícia eram seletivos, na melhor das hipóteses, e falaciosos, na pior. Ryder sabia que, com o apoio certo e algumas reportagens investigativas inteligentes, a história poderia atrair uma enorme audiência. No ano anterior, ela apresentou a sua ideia aos estúdios, depois que o caso ganhou as manchetes nacionais e foi aberto e encerrado antes que quaisquer respostas reais fossem dadas.



PARTE II
AGOSTO DE 2020

7

SENTADO NO ASSENTO TRASEIRO DO TÁXI, NA AVENIDA MICHIGAN, o dr. Lane Phillips começou a folhear as suas anotações para se atualizar sobre os assassinatos na Escola Preparatória de Westmont no ano anterior. Lane se concentrara de tal maneira na leitura que só ouviu o motorista de táxi quando a divisória de acrílico vibrou com as batidas.

— Aqui — disse o homem.

Lane tirou os olhos das anotações. O motorista, que o fitava por meio do espelho retrovisor, apontou para a janela do passageiro e informou:

— Chegamos.

Lane, então, avistou a portaria do prédio da NBC, na Near North Side, em Chicago. Teve de piscar algumas vezes para tirar a mente dos papéis que o haviam fixado em Peppermill, Indiana, o local onde ocorreram aqueles pavorosos assassinatos.

— Desculpe. — Ele fechou a pasta e entregou o dinheiro da corrida ao motorista.

Eram nove da manhã de terça-feira, e a avenida Columbus estava cheia de pedestres quando Lane desembarcou do táxi e encarou o prédio da NBC. Lane Phillips era psicólogo forense e analista de perfis criminais. Seu *best-seller* sobre crimes reais, traçando os perfis dos *serial killers* mais famosos dos últimos cinquenta anos — muitos dos quais Lane entrevistara pessoalmente —, vendera mais de dois milhões de exemplares no primeiro ano de publicação. No momento atual, o total estava perto de sete milhões de exemplares, e o livro dava poucos sinais de desaceleração nas

vendas. Era o manual obrigatório para alguém interessado nos assassinos mais hediondos que este mundo tinha para oferecer.

Lane era consultor de diversos programas dedicados a crimes, e as suas frequentes aparições na televisão, entrevistas em rádios e artigos opinativos o mantinham na mídia. Ele era bom na frente de uma câmera, o que o tornava um convidado muito disputado nos telejornais da tevê a cabo e nos programas matinais sempre que casos de grande visibilidade chegavam ao noticiário.

Alguns anos atrás, Megan McDonald, uma garota da Carolina do Norte, esteve desaparecida durante duas semanas antes de conseguir escapar milagrosamente do seu sequestrador. Na sequência, foi Lane Phillips quem as redes de tevê procuraram para explicar o que Megan devia estar passando como sobrevivente de um sequestro. Analista famoso de perfis criminais, Lane foi contatado pelo FBI quando o sequestro de Megan foi associado aos desaparecimentos de outras mulheres, para que Lane criasse um perfil do homem que poderia tê-las raptado.

Todos os talentos do dr. Phillips, e as diversas oportunidades que criavam, exigiram um agente para gerenciar as ofertas que chegavam a ele. E ao desembarcar do táxi, imediatamente Lane o avistou: Dwight Corey, parado na calçada, diante da NBC Tower. Mesmo nas ruas fervilhantes de Chicago, povoadas por todos os tipos de homens de negócios, Dwight se destacava na multidão. Ele era um homem negro de um metro e noventa e cinco de altura, que usava ternos Armani sob medida nos seus encontros com Lane sábado à tarde para reuniões com almoço. Para Dwight Corey, *casual* significava que a camisa engomada sob o seu impecável paletó feito sob medida estava sem gravata. Naquele momento, porém, para aquela reunião, Dwight optara por uma gravata verde brilhante com um terno Armani bege. As mangas com punho duplo da camisa se projetavam perfeitamente e eram realçadas por abotoaduras de ouro. Seus sapatos transmitiam algum tipo de brilho que faziam Lane semicerrar os olhos.

Por seu lado, Lane emitia uma aura completamente diferente, com o seu jeans escuro e um blazer por cima de uma camisa oxford. Seus calçados eram confortáveis e gastos, e seu cabelo era uma confusão de cachos ondulados, que ele controlava passando a palma da mão aberta da frente para trás sempre que caíam em seu rosto. Lane mantinha essa aparência

desde o tempo em que era um pobre aluno de doutorado, pulando de uma prisão para outra, entrevistando assassinos condenados. Apesar de uma carreira bem-sucedida e proeminente, ele nunca a alterou.

Lane estendeu a mão quando se aproximou de Dwight.

— Há quanto tempo, não é? — Lane comentou.

— É bom te ver, amigo.

— Isso aí é movido a pilha? — Lane apontou para os sapatos de Dwight.

O agente sorriu.

— Um pouco de estilo poderia lhe fazer bem, sabia? Mas não se preocupe, esse novo show não inclui ninguém olhando para a sua caneca horrorosa ou para seu blazer terrivelmente fora de moda. Vou sujeitar a audiência somente à sua voz.

— Essa coisa sobre as mortes na Escola Preparatória de Westmont? Não é para a televisão?

— Não. Mas é o tema mais quente do momento.

— Achei que você tivesse dito que Mack Carter estava envolvido.

— E está. E quer muito a sua presença.

— Quanto?

Dwight deu-lhe um tapinha nas costas e consultou o relógio.

— Vamos descobrir.

8

ELES SE ACOMODARAM FRENTE A FRENTE EM UMA CAFETERIA

no saguão da sede da NBC.

Lane pegou um segundo pacote de açúcar para pôr no seu café.

— O açúcar é um dos maiores agentes cancerígenos — Dwight afirmou. — Talvez tão ruim quanto o alcatrão nos cigarros, mas nós o consumimos todos os dias. Sem ações judiciais. Sem legislação. Apenas um feliz bando de zumbis se entupindo de açúcar e morrendo de câncer.

**ESCOLA PREPARATÓRIA DE WESTMONT
VERÃO DE 2019**

Sessão 2

Anotação no diário: O BURACO DA FECHADURA

Havia um buraco de fechadura na porta do meu quarto. Era um portal através do qual eu espionava um mundo que odiava. As coisas que vi através dele nunca foram discutidas. Eu devia acreditar que nunca aconteceram. Mas aconteceram. Mesmo que a minha mãe e eu nunca os discutíssemos, aquelas coisas existiam. Eu as vi, e tenho certeza de que a minha mãe sabia que eu olhava através daquele buraco. Sempre me perguntei se o que ocorria dentro da visão limitada da porta do meu quarto se dava naquele exato local por algum motivo. Ela estava pedindo a minha ajuda?

Tirei os olhos do diário. Minha voz falhou quando li a última frase e precisei de um instante para me recompor.

— Desculpe.

A mulher sentada na cadeira à minha frente esperou. Respirei fundo, olhei de volta para o caderno com capa de couro e recomecei a leitura.

As coisas que vi pelo buraco da fechadura mudaram a minha vida. Foram as coisas terríveis que se desenrolaram

naquele escopo estreito da minha visão que me fizeram quem eu sou. Gostaria de poder dizer que irrompi por aquela porta e detive o meu pai. Se eu o tivesse feito -- se pelo menos houvesse tentado --, as coisas poderiam ser diferentes. Talvez eu estivesse morto, porque confrontar o meu pai durante os seus acessos de fúria era se jogar na frente de um animal selvagem. Mas nunca abri aquela porta para protegê-la. Eu me encolhia de medo no meu quarto, como a criança fraca e impotente que era, e só saía daquele santuário depois que a carnificina terminava. Eu levava para a minha mãe um saco com gelo para o seu olho ou uma toalha para a sua boca rachada. Às vezes, até a ajudava a se maquiar para esconder os hematomas. Porém, nunca saí do meu quarto para protegê-la. Sair do meu quarto durante o acesso de fúria teria sido mortal, mas morrer teria sido preferível àquilo que realmente aconteceu.

Ouvi o grito da minha mãe e me levantei da cama imediatamente. Ajoelhado, coleí o rosto na porta do quarto e espreitei pelo buraco da fechadura. Um pequeno corredor levava à sala de jantar, onde vi a minha mãe correndo para o outro lado da mesa, procurando interpor um obstáculo entre ela e o meu pai. Contudo, não havia nada que o detivesse. Não uma mesa de jantar, com certeza. O corpo dele ingressou no pequeno mundo do meu buraco de fechadura. O meu pai ficou de costas para a minha porta, encarando a minha mãe. O corpo dele tapou a minha visão, de modo que eu não conseguia mais vê-la. Fiquei aliviado por não enxergar mais o seu rosto em pânico. Como se não ver o pavor dela o fizesse desaparecer de alguma forma.

-- Pare! -- a minha mãe pediu. -- Eu vou consertar!

O meu pai estava com os dentes cerrados. Percebi isso na voz dele.

-- Quem... quebrou... aquilo?

De imediato eu soube ao que eles se referiam: o poste de luz lá fora. Ele se quebrara mais cedo, quando eu jogava beisebol com um menino da vizinhança. Acabei fazendo um arremesso errado que se chocou diretamente na placa de vidro,

espatifando-a e espalhando estilhaços em toda a entrada da garagem. A minha mãe escondeu o estrago o melhor que pôde, varrendo os estilhaços e esperando que a placa de vidro ausente passasse despercebida até que ela pudesse substituí-la. Fora esse o nosso plano. Naquele momento, ficara óbvio que o plano fracassara.

-- Não sei quem quebrou, Raymond. Mas amanhã vou consertar.

-- Você vai consertar?

-- Vou ligar para alguém que conserte.

-- E quem vai pagar pelo reparo?

O meu pai varreu a mesa da sala de jantar com o braço, mandando para o chão tudo o que estava sobre o tampo. Para o meu pai demente, causar estragos dentro de casa e acumular centenas de dólares de prejuízo foi a resposta apropriada para a dificuldade financeira de ter que substituir uma placa de vidro quebrada.

Então, eu devia ter aberto a porta do meu quarto. Devia ter saído para o corredor e assumido a responsabilidade pelo que fizera. No entanto, não fiz isso. Continuei ajoelhado e vi pelo buraco da fechadura quando o meu pai estendeu a mão sobre a mesa, agarrou a minha mãe pelo cabelo e a puxou, arrastando-a pelo tampo. Naquela noite, ele bateu nela. Eu o vi pelo buraco da fechadura. Vi o homem que eu odiava bater na mulher que eu amava.

No dia seguinte, o meu pai estava morto.

Puxei o marcador de tecido para cima e o coloquei com cuidado no vinco do diário antes de fechá-lo. As minhas mãos tremiam um pouco. Quando finalmente olhei para a mulher à minha frente, percebi compaixão nos seus olhos. Pelo menos foi o que achei que o olhar dela significava.

As minhas mãos se acalmaram, e os meus ombros relaxaram. As sessões de terapia sempre me traziam paz, mesmo que eu expusesse a minha alma e revelasse os meus segredos mais íntimos nelas. Ou, talvez, por causa disso.



PARTE III
AGOSTO DE 2020

15

A CLAUSTROFOBIA, A FOBIA SOCIAL E A PERSISTENTE NECESSIDADE de estar sempre no controle do seu ambiente tornavam as viagens aéreas algo que Rory Moore evitava sempre que possível, pois a faziam penar quando eram obrigatórias. Rory tentara um pouco de tudo ao longo dos anos, incluindo, por exemplo, meditação (que chamou a atenção dos outros passageiros, em vez do resultado oposto desejado), consumo de fármacos (uma combinação de anti-histamínico com sonífero provocou um acesso violento de vômito, que deixou um voo, em particular, mais desagradável do que qualquer outro) e ressaca sentada no assento do meio (uma vez, apenas uma vez, e nunca mais).

Acomodar-se na classe econômica — três passageiros um ao lado do outro, embalados como se fossem sardinhas, arrastando-se um sobre o outro para usar um banheiro minúsculo compartilhado por duzentos outros seres humanos — fora algo inimaginável por anos. Certa ocasião, quando Rory e Lane tiveram de ir para Nova York para um caso relacionado ao Projeto de Controle de Homicídios, um cliente rico concordou em fretar um avião para eles depois que Lane explicou que era a única maneira de levá-los para a costa leste. Claro que Lane poderia ter ido sozinho, num voo comercial no qual leria um livro por duas horas, como todo o mundo. Mas não. Em vez disso, Lane insistiu em um avião fretado e conseguiu.

Rory o amava por algo mais do que a sua boa aparência e a sua mente poderosa. Ele a aceitou, apesar de todas as peculiaridades sufocantes dela.

**ESCOLA PREPARATÓRIA DE WESTMONT
VERÃO DE 2019**

Sessão 3

Anotação no diário: UM CÚMPLICE RELUTANTE

Olhei pelo buraco da fechadura. Depois que o meu pai terminou a sua purgação, houve um longo período de silêncio quando a casa ficou tranquila e silenciosa. A visão através daquele buraco da fechadura só oferecia uma sala de jantar vazia e uma mesa sem nada em cima, já que o meu pai atirara tudo no chão.

Pensei em sair do meu quarto. Queria correr para a minha mãe e ter certeza de que ela estava segura. Pegar gelo para a sua boca rachada. Eu já tinha feito isso antes, e ela sempre me dizia o quanto me amava por causa disso. Mas o espancamento dessa noite foi diferente. O meu pai estava possuído de uma maneira como eu nunca vira antes. O poste de luz quebrado foi simplesmente um catalisador para um problema muito maior que ele queria tirar do seu organismo.

Eu estava com medo de sair do meu quarto. Não tanto porque temia que ele me agredisse, mas porque temia que a minha mãe interviesse e tentasse impedi-lo. Ela fizera isso antes, e o meu pai esvaziara nela o resto da sua raiva. Por mais difícil que fosse olhar pelo buraco da fechadura, outro nível de inadequação sempre se apoderava de mim quando eu o via espancá-la pessoalmente. Pelo buraco da fechadura, eu era anônimo. Lá fora, não. Lá fora, os olhos da minha mãe vez ou outra encontravam os meus no meio daquilo. Ao ficar impotente

nas sombras durante aqueles momentos, eu me sentia menos do que um ser humano. Era melhor me manter atrás da porta fechada do meu quarto, olhar pelo meu portal e esperar.

Finalmente, depois de uma hora espiando pelo buraco da fechadura, vi o meu pai entrar na sala de jantar. Ele parecia apressado ao pegar as coisas no chão e as reorganizar na mesa. Havia algo no seu maneirismo que eu não conseguia identificar. Algo a respeito dele que eu não reconhecia. Após terminar de limpar a bagunça, ele passou a andar de um lado para o outro. Aquela movimentação frenética enfim fez a minha ficha cair. Entendi o que parecia tão estranho. Ele estava tenso. A mesma expressão facial que eu vira tantas vezes na minha mãe, enquanto ela o esperava chegar em casa vindo do trabalho, agora se estampava no rosto do meu pai.

Antes que eu conseguisse elaborar aquela estranha inversão de papéis, ouvi uma sirene. Em pouco tempo, luzes vermelhas e azuis intermitentes iluminavam as paredes do meu quarto. Então, ouvi portas batendo e vozes conversando. De repente, entendi por que o meu pai estava tenso. Por que a maldade sumira da sua cara e a arrogância abandonara a sua postura. Naquela noite, ele machucara a minha mãe de uma maneira como nunca antes, e chamou uma ambulância em busca de ajuda.

Fiquei de pé rapidamente e escancarei a porta do meu quarto. Corri pelo corredor e entrei na sala de jantar, chegando no exato momento em que o meu pai atendeu à porta da frente. Ali, na entrada, estavam dois paramédicos carregando uma maca.

-- Aqui -- o meu pai disse. -- Ela está no pé da escada. Deve ter caído.

Os paramédicos entraram em silêncio na minha casa e avaliaram a cena. Eu caminhei lentamente em direção à escadaria, diferente da maneira como saí correndo do meu quarto. Dei um passo hesitante de cada vez. Um após o outro, até que deixei para trás a sala de jantar e tive uma visão clara do vestibulo. A minha mãe estava caída no pé da escada, com os

olhos fechados como se dormisse, mas o resto dela se achava posicionado em ângulos estranhos. Um braço estava sobre o rosto, e o outro, enfiado inacreditavelmente debaixo do corpo. Uma perna se achava reta, mas a outra, com o joelho dobrado.

-- Está tudo bem -- o meu pai me disse.

Eu não me lembrava da última vez em que ele falara comigo.

-- A sua mãe sofreu um acidente. Eu voltei para casa e a encontrei desse jeito. Você a viu cair?

Encarei o meu pai com uma expressão vazia. Não respondi. Os paramédicos cuidavam da minha mãe quando um deles me olhou.

-- Você ouviu alguma coisa? Ouviu a sua mãe cair?
-- ele me perguntou.

Inexplicavelmente, eu confirmei com um movimento de cabeça.

-- Sim -- falei. -- Eu não sabia que barulho tinha sido aquele. Estava no meu quarto fazendo a minha lição de casa.

-- Não faz mal -- o meu pai me consolou. -- Os paramédicos estão aqui. Eles vão cuidar dela.

Os dois se viraram para ajudar a minha mãe e carregaram o corpo imóvel dela, colocando-o na maca. Em seguida, levaram-na para a ambulância. Vi alguns vizinhos no jardim sob a luminosidade vermelha da luz da sirene da ambulância. Eles olhavam para a minha mãe quando ela foi colocada no veículo. Eu não a vi se mexer nenhuma vez, e os seus olhos em momento algum se abriam.

Então, notei outro par de olhos. Eram os do meu pai. Ele me encarava. Embora não tivesse dito uma única palavra, o seu olhar penetrante me comunicou tudo o que ele queria que eu soubesse. Finalmente, ele saiu de casa para ir com a minha mãe para o hospital. A sra. Peterson, vizinha do lado, conversou com o meu pai no jardim e depois caminhou na direção da porta da frente aberta da minha casa. Ela passaria a noite comigo.